

## EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: AVALIAÇÃO HUMANIZADA E CONTEXTUALIZADA

Luciane Pereira da Cruz<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esse artigo buscou analisar a complexidade da avaliação na área da Educação de Jovens e Adultos, destacando as prováveis soluções para aprimorar sua execução, garantindo uma educação significativa para todos, humanizada e contextualizada. A Educação de Jovens e Adultos (EJA), tem a missão de promover a inclusão social e garantir o direito à educação. É um modelo educacional que valoriza o desenvolvimento integral do aluno, considerando suas competências intelectuais, afetivas e coletivas. A LDB nº 9.394/96 no Art. 1º estabelece que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Os métodos aplicados foram pesquisa em livros e artigos científicos para coleta de dados e comparação com a realidade da escola onde foi desenvolvido o trabalho. Os resultados da pesquisa mostraram, contudo, que a avaliação nesse contexto continua enfrentando desafios como a heterogeneidade, o nível discrepante de maturidade e compreensão dos conteúdos em estudo, e falta de recursos humanos e material para que possam aplicar metodologias diferenciadas. É necessário discutir abordagens metodológicas adequadas e propor estratégias para melhorar o processo avaliativo, com a intenção de ter um ensino mais eficaz, uma avaliação mais humanizada e que a teoria possa fazer sentido na vida dos estudantes.

1627

**Palavras-Chave:** Educação de Jovens e Adultos. Avaliação Humanizada. Inclusão.

**ABSTRACT:** This article sought to analyze the complexity of assessment in the area of Youth and Adult Education, highlighting the likely solutions to improve its implementation, ensuring a meaningful, humanized and contextualized education for all. Youth and Adult Education (EJA) has the mission of promoting social inclusion and guaranteeing the right to education. It is an educational model that values the integral development of the student, considering their intellectual, affective and collective skills. LDB nº 9.394/96 in Art. 1º establishes that education encompasses the formative processes that develop in family life, in human coexistence, at work, in teaching and research institutions, in social movements and civil society organizations and in cultural manifestations. The methods applied were research in books and scientific articles to collect data and compare them with the reality of the school where the work was developed. The results of the research showed, however, that assessment in this context continues to face challenges such as heterogeneity, the discrepant level of maturity and understanding of the content being studied, and a lack of human and material resources to be able to apply differentiated methodologies. It is necessary to discuss appropriate methodological approaches and propose strategies to improve the evaluation process, with the intention of having more effective teaching, a more humanized evaluation and so that the theory can make sense in the students' lives.

**Keywords:** Education of Young People and Adults. Humanized Evaluation. Inclusion.

<sup>1</sup>Professora, Especialização em Psicopedagogia Mestrado em Ciências da Educação. Christian Business School.

## I. INTRODUÇÃO

O processo de Avaliação na Educação de Jovens e Adultos (EJA) necessita de um olhar diferente, pois para esses estudantes não vale somente avaliar formalmente, mas também proporcionar um panorama inclusivo, integral, acompanhamento individual, reconhecendo a evolução gradual, contínua, e valorizando as conquistas no desenvolvimento educacional. Segundo Luckesi (2005), a avaliação formativa surge como uma abordagem essencial, destacando-se por seu caráter contínuo e orientado para o desenvolvimento do aluno.

Deve-se valorizar as experiências, as diversas habilidades e conhecimento que os alunos trazem consigo, inserindo-os no currículo proposto, fazendo assim com que estes educandos encontrem sentido em estudar e ocupar espaço na educação formal e no mundo em que vivem. Eles se sentirão respeitados, valorizados, inclusos socialmente, visando maior qualidade no ensino, porque os docentes também sentirão prazer em fazer esse elo entre a educação e o aluno, usufruindo da sensação de dever cumprido enquanto ser social.

Dessa forma, a avaliação pode ser caracterizada como humanizada e contextualizada, com o objetivo de que os alunos compreendam melhor o meio em que vivem e sejam capazes de fazer leitura do mundo.

A avaliação no contexto da EJA vai além da mera quantificação de conhecimentos adquiridos, mas encarrega-se de apreciar as habilidades dos estudantes. Segundo Ballaster (2008) a abordagem da avaliação na Educação de Jovens e Adultos (EJA) desempenha um papel fundamental na promoção de um ambiente educacional inclusivo e sensível às características singulares desse público diversificado.

Portanto, este artigo visa analisar a complexidade da avaliação na área da Educação de Jovens e Adultos, destacando as prováveis soluções para aprimorar sua execução, garantindo uma educação significativa para todos, humanizada e contextualizada. Para isso é preciso desenvolver estratégias pedagógicas equiparadas com as necessidades desse público, viabilizando uma educação mais satisfatória para todos.

## 2. METODOLOGIA

Os métodos aplicados foram os seguintes: pesquisa em livros e artigos científicos para coleta de dados e comparação com a realidade da Escola onde foi desenvolvido o trabalho. Em seguida foi feita observação das aulas e rotina de uma Escola Municipal de Palmas -TO, por

algumas semanas, com turmas de EJA do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Depois foi realizada uma entrevista com alguns professores e alunos.

A pesquisa de conteúdo científico, a entrevista semiestruturada e a observação foram fundamentais para organizar as informações coletadas no campo. Foram entrevistadas cinco professoras (P) e quatro alunos (A), um de cada ano, e os alunos tem idades entre 18 e 35 anos.

O questionário formulado foi aplicado na referida escola, constituindo assim uma pesquisa qualitativa. Minayo (2002) afirma que a entrevista é um instrumento fundamental para o pesquisador, para que este possa obter informações contidas nas falas dos indivíduos, sendo possível aprofundar conhecimentos, além de esclarecer dados sobre o objeto de pesquisa.

Para Gil (2000), a observação constitui a maneira mais apropriada para conhecer a realidade, visto que se caracteriza por uma intervenção mínima do pesquisador no campo de estudo.

Com isso, conclui-se que a técnica da observação é importante para evidenciar acontecimentos que se pretende investigar, e ter um contato mais próximo com o tema da pesquisa. Sobre a pesquisa bibliográfica é uma maneira interessante de se trabalhar pois reforça a questão da correlação e semelhanças de suas análises e resultados com o assunto em estudo, evitando assim divergências ou equívoco na apresentação dos resultados. A pesquisa bibliográfica foi feita em livros, artigos e textos relacionados ao assunto em estudo.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para auxiliar na compreensão da pesquisa que se pretende conduzir, destaca se aqui que o foco será na Avaliação Humanizada e Contextualizada na EJA. Para isso, será feito uma sondagem de mais uma obra e autor importantes para o entendimento da pesquisa.

Algumas instituições educativas, assim como alguns professores, avaliam o rendimento escolar de seus alunos usando as provas escritas ou orais, sendo o principal “medidor” das aprendizagens, quantificando erros e acertos e atribuindo a eles uma “nota”, menosprezando as outras formas de avaliar, considerando a aprendizagem em todo seu processo. Esse tipo de avaliação da aprendizagem percorre em torno de aprovação e reprovação, e o sistema de ensino por sua vez se interessa pelo número de aprovação e reprovação do total dos alunos. Luckesi (2005) afirma: “O nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino aprendizagem”. (p. 18).

Na obra de Luckesi (2005), que fala a forma como a avaliação, segundo sua visão tem sido atravessada por uma pedagogia do exame em detrimento de uma pedagogia de ensino-aprendizagem, ele diz.

Pais, sistema de ensino, profissionais da educação, professores e alunos, todos têm suas atenções centradas na promoção, ou não, do estudante de uma série de escolaridade para outra. O sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação reprovação do total dos educandos; os pais estão desejosos de que seus filhos avancem nas séries de escolaridade; os professores se utilizam permanentemente dos procedimentos de avaliação como elementos motivadores dos estudantes, por meio da ameaça; os estudantes estão sempre na expectativa de virem a ser aprovados ou reprovados e, para isso, servem-se dos mais variados expedientes. O nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino aprendizagem. (LUCKESI, 2005, p. 18).

É válido ressaltar que o alto índice de reprovação, por parte destes estudantes em especial alunos da EJA, demonstra que as formas de avaliação utilizadas por grande parte das escolas ao longo da história estão contribuindo para a ruína nesta modalidade de ensino, ou seja, desumana e desmotivadora. A avaliação do rendimento escolar deve ser considerada como uma atribuição de qualidade, não pode ser apenas classificatória, mas deve contribuir para uma tomada de decisão, direcionando o aprendizado, conduzindo a ação.

Assim, Luckesi (2005) relata que “O objetivo da aferição do aproveitamento escolar não será a aprovação ou reprovação do educando, e sim o direcionamento da aprendizagem e desenvolvimento”. (p. 96). Portanto, o processo avaliativo é muito importante para que esses alunos possam ter esta compreensão de mundo, e isso só acontecerá se for possibilitado o direito a avaliação da aprendizagem equitativa a todos os indivíduos.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação da entrevista será descrita abaixo, seguindo a ordem cronológica de sua aplicação com professores e alunos. Segue a entrevista realizada em novembro de 2024, na Escola Municipal Jorge Amado, no Município de Palmas – TO.

1 – Quais as principais dificuldades ao ensinar EJA para os alunos de 6º ao 9º ano? (P1 – 6º ao 9º ano).

Dificuldade de leitura e escrita, mas a evasão escolar com certeza é o maior desafio, e isso exige de nós várias estratégias para manter os alunos motivados. Além disso, a heterogeneidade, desigualdade social, escassez de recursos e falta de formação adequada para os professores são dificuldades que podem ser mostradas.

2 - No momento das aulas, o que mais te chama atenção para desenvolver um trabalho de forma que contemple a necessidade dos seus alunos? Qual a faixa etária dos alunos desta

escola no 6º ano do Ensino Fundamental – EJA? (P2- 6º ano). “É trabalhar a vivência dos alunos para que se sintam motivados, considerando que a escola não é o único espaço de aprendizagem. Faixa etária entre 18 e 27 anos”.

3 – Quais as metodologias vocês mais usam para motivar esse público? Alfabetização e letramento são trabalhados nessa fase do ensino? (P3 – 7º ano).

O uso de material concreto, vídeos, músicas, imagens atuais, contextualizando com os conteúdos. Sim. Reforço, leitura de textos ao nível dos alunos e que sejam significativos para a realidade deles, produção de textos e uso de tecnologias educativas, aplicativos baixados nos seus aparelhos celular, assim fazem atividades direcionadas pela professora.

4 – O que mais te motiva trabalhar na EJA? (P4 – 8º ano).

Os alunos demonstram satisfação em aprender coisas novas, enriquecem as aulas com suas experiências, veem nisso esperança de dias melhores, e de fato sabemos que acontece, muitas portas se abrem para essas pessoas no mercado de trabalho e se sentem inseridos na sociedade.

5 – Como a tecnologia pode ajudar no ensino da EJA? Nessa escola se usa ferramentas digitais com alunos da EJA? (P5 – 9º ano) “Sim usamos ferramentas digitais como aplicativos, vídeos, atividades usando os computadores da escola. O ensino fica mais dinâmico, acessível e ajuda a compreender melhor os conteúdos.”

6 – O que te motiva a continuar estudando na EJA? Você entende que estudar traz benefícios para sua vida? (A1 – 8º ano) 1631

Com certeza vale muito para ver o mundo de forma diferente pois agora tenho mais conhecimento, me sinto mais preparado para conversar, trabalhar e até sonhar. O que me motiva é ver que a cada dia tenho mais vontade de aprender, melhorar de vida e acreditar em mim mesmo.

7 – Como o estudo pode mudar seu futuro, sua vida profissional? (A2 – 6º ano) “Estudando posso ter um emprego melhor, aumentar o salário, a gente tem mais segurança para viver. Com a educação posso me aperfeiçoar para novas oportunidades de trabalho, fazer cursos técnicos e fazer uma faculdade.”

8 – Você acredita que a educação pode contribuir para que você seja um cidadão ativo na sociedade? (A3 – 9º ano). “Com certeza, porque com mais conhecimento, posso entender melhor meus direitos e deveres, contribuir com a comunidade onde moro, a gente fica mais aberto a novas ideias e agir para ajudar a todos que necessitam.”

9 – Estudar contribui para que você tome decisões mais assertivas na vida? Por quê? (A3 – 9º ano). “Sim, porque a gente aprende o que é certo e o que é errado, sente se mais seguro para

dar opiniões, tomar decisões, consegue enxergar nossa capacidade de resolver problemas, a gente passa a pensar como um ser social e agir diferente.”

10 – Sua vida melhorou depois que voltou para a escola? Você acha que estudar pode melhorar sua vida em família? (A<sub>4</sub> – 8<sup>o</sup> ano).

Vejo na Escola a chance de realizar sonhos. Mesmo depois de um dia de trabalho, venho para a escola animado. Aqui a gente recebe muito apoio da diretora e dos professores e isso faz toda a diferença. Já aprendi a fazer algumas contas, ler e escrever, desse jeito a vida melhorou muito. Se eu tiver um bom emprego no futuro, posso melhorar sim a vida da minha família, ser exemplo para meus filhos estudar também, fazer uma faculdade. Mostrei para mim mesmo que nunca é tarde para aprender mais e ser um cidadão melhor.

### Entrevista com Professores e Alunos

P = professor(a)

A = aluno(a)

P<sub>1</sub> – Língua Portuguesa

A<sub>1</sub> – 8<sup>o</sup> ano

P<sub>2</sub> – Geografia

A<sub>2</sub> – 6<sup>o</sup> ano

P<sub>3</sub> – Matemática

A<sub>3</sub> – 9<sup>o</sup> ano

P<sub>4</sub> – Ciências Naturais

A<sub>3</sub> – 9<sup>o</sup> ano

P<sub>5</sub> – Língua Inglesa

A<sub>4</sub> – 8<sup>o</sup> ano

Diante do material exposto e para compreender melhor a organização do cotidiano da sala de aula e na perspectiva em que foram produzidos os conhecimentos, entende-se que a ação docente não se faz sem a participação dos estudantes. Assim, entende-se que as concepções, as metodologias, as articulações estabelecidas entre o discurso e a prática revelam as bases teórico-práticas que orientam o trabalho dos(as) e professores(es) na relação com os(as) alunos e na maneira de agir a partir de novos conhecimentos, por isso se faz necessário uma avaliação da aprendizagem humanizada e contextualizada. Sendo assim, os professores procuram provocar seus alunos, para que reflitam sobre o processo de produção de conhecimento.

Desta forma, as (os) professoras(es) procuraram construir situações de ensino interessantes e desafiadoras, que busquem superar a visão de assuntos seccionados, nos processos de produção de conhecimento. Propõem diálogos que favoreçam a interação da turma e a articulação entre as temáticas, considerando a essência dos estudantes, construindo relações de igualdade, não importando os conhecimentos, mas gerando espaço para se expressarem e fazendo pequenas intervenções para que todos participem.

Quanto a avaliação humanizada e contextualizada é um dever de todo educador, em especial com o público da EJA, essa categoria de estudantes que não tiveram oportunidade de

estudar no tempo certo, são muitas vezes discriminados, desacreditados, desrespeitados. Nas salas de aula de uma escola humanizada, os professores e suas turmas trabalham para lidar com esses desafios. Os alunos se sentem valorizados, conhecidos, respeitados e seguros, enquanto os educadores podem usufruir da sensação de dever cumprido.

A avaliação da aprendizagem é um processo extenso e que precisa estar a favor da aprendizagem dos alunos e não pode ser apenas classificatório ou punitivo. Para estes e para todos os estudantes o educador tem o papel de mediar a construção do saber, para que o aluno saiba refletir, problematizar e avaliar sua realidade. Gadotti (2010, p. 345) diz: “revelar a realidade implica a participação daqueles que dela fazem parte, de suas interpretações em relação ao que vivem”.

Sabendo disso, se faz necessário aplicar uma avaliação que o ser humano e seu processo de desenvolvimento são os aspectos mais importantes, respeitando o processo de aprendizagem de casa aluno. Por isso a avaliação humanizada deve ter o objetivo de acompanhar o caminho que cada aluno percorre para buscar e descobrir suas reais necessidades e apontar caminhos para construir novas formas de aprendizagem, isto é, contextualizando com sua vivência e valorizando sua cultura. De que forma? Valorizando suas experiências, interesses, habilidades, sua participação, estimular sua criatividade e autonomia. Encorajá-los a expor e discutir suas ideias, considerar suas capacidades de resolver problemas, incentivar fazer trabalhos em grupo e cooperar com os colegas, usar recursos multimídia, como vídeos, jogos, imagens, áudios, aplicativos didáticos, etc.

A qualificação dos professores é primordial para que este processo ocorra de forma humanizada. Espera-se que nessas capacitações os educadores aprendam a desenvolver a empatia, a escuta ativa, proporcionar o desenvolvimento da inteligência emocional nos alunos e ajudar gerenciar suas emoções de forma positiva. O papel da escola nessa questão é investir na qualidade do serviço oferecido à sociedade, dessa forma os alunos acreditarão no poder transformador da educação, se sentirão mais seguros, como foi citado por um aluno na entrevista, e assim estarão sempre motivados a investir na sua formação como pessoa e também na formação profissional dando um retorno positivo à sua comunidade.

Se a educação é o caminho pra qualquer mudança social de forma democrática, a educação em Direitos Humanos facilita o entendimento da necessidade do respeito ao ser humano, instrumento este que garante a formação cidadã e um direito de fato. Sobre este



assunto, Maria Elizete Guimarães Carvalho (2009, p.10) afirma que: A Educação em Direitos Humanos encontra-se nesse âmbito, contribuindo para a promoção desse diálogo, possibilitando sensibilizar e conscientizar as pessoas para a importância do respeito ao ser humano, apresentando-se na atualidade como uma ferramenta fundamental na construção da formação cidadã, assim como na afirmação de tais direitos (Carvalho, 2009, p.10).

Após o trabalho de pesquisa teórica, pesquisa de campo e observações, ainda ficou um questionamento. Quais os desafios e limitações em avaliação da aprendizagem na EJA, ainda são reais nos dias de hoje no Brasil? Na EJA deve se considerar aspectos como: Evasão escolar - A necessidade de conciliar trabalho e estudos leva a altos índices de desistência, impactando a continuidade dos processos avaliativos; Idades variadas, diferentes experiências escolares e distintos níveis de conhecimento dificultam a padronização dos instrumentos avaliativos; Provas e testes padronizados muitas vezes não refletem o real aprendizado dos estudantes, desconsiderando conhecimentos prévios e experiências de vida. Falta recursos tecnológicos, baixa autoestima dos alunos, desigualdade social, etc.

A avaliação deve possuir caráter processual e contínuo, levando em conta as construções cotidianas dos alunos e a mediação de seus professores, tanto no ponto de partida quanto no ponto de chegada para novos paradigmas. Esses fatores exigem abordagens diferenciadas que promovam a aprendizagem significativa e contemplem as especificidades dos estudantes.

1634

Essa análise não deve ser apenas um mecanismo de verificação do desempenho, mas um recurso para chegar a um diagnóstico e que seja capaz de contribuir para o desenvolvimento dos alunos. Para entender melhor como essas avaliações acontecem, será feita uma exposição dos principais tipos de avaliação da aprendizagem na EJA, destacando suas utilidades e características principais.

Avaliação Diagnóstica - é realizada no início do processo educativo para identificar o nível de conhecimento dos alunos, suas dificuldades e capacidades. Na EJA, essa avaliação é essencial, pois os estudantes apresentam trajetórias escolares e experiências de aprendizagem distintas. Favorece ao professor conhecer as experiências dos alunos, de seu convívio cultural. Podem também fazer adaptações curriculares para atender as necessidades dos alunos, ajuda identificar dificuldades como leitura, escrita, produção textual e simples cálculos de matemática. Nesse contexto pode se usar estratégias como aplicação atividades direcionadas no



início do período escolar, e essas atividades pode englobar escrita, produção e interpretação de textos. Pode aplicar questionários para que relatem suas vivências, expectativas e dificuldades.

Avaliação Formativa – esta ocorre ao longo do processo de ensino e tem o objetivo de acompanhar o progresso dos alunos, permitindo ajustes na metodologia e nas estratégias pedagógicas. Trigo (2007) nos esclarece quanto aos objetivos desta avaliação: “é contínua pois se realiza ao longo de todo o processo educacional e tem como finalidade permitir o acompanhamento e análise dos pontos fracos e fortes desse processo, para que se possa aperfeiçoá-lo ao longo do processo.” Esta avaliação está centrada no aluno, seu esforço, à sua forma de abordar as tarefas e às estratégias de resolução de problemas que utiliza. Ela estimula fazer uma reflexão sobre sua forma de pensar e de agir e o feedback dado pelos professores no dia a dia serve de automotivação para alcançar seus objetivos. Os procedimentos que podem ser usados nessa forma de avaliar, são debates em sala de aula para os estudantes analisarem o seu próprio desempenho, atividades em grupo para desenvolver a compreensão e a cooperação com o outro, produção de atividades diversificadas e organizadas em pastas, que que vejam o seu crescimento intelectual.

Avaliação Somativa - é utilizada para verificar o que o aluno aprendeu ao final de um período letivo. Na EJA, essa avaliação deve ser aplicada de forma flexível, considerando as dificuldades que muitos alunos enfrentam no retorno aos estudos, os níveis de aproveitamento e não precisa ser classificatória, mas deve ser diversificada para contemplar diferentes perfis de aprendizagem. Uma particularidade dessa avaliação é que permite uma comparação com períodos anteriores, assim é possível avaliar mudanças nas metodologias, e se precisar fazer modificações para que leve os alunos ao próximo nível. Provas escritas e orais, trabalhos individuais e em grupos, trabalhos finais, somatória de avaliações durante o ano, são critérios para este tipo de avaliação da aprendizagem.

Avaliação Auto avaliativa – nesta os alunos têm a oportunidade de refletir sobre seu próprio desempenho, favorecendo sua liberdade de fazer e aprender, servindo assim de um incentivo importante para sua vida estudantil e autoestima para permanência na escola. Algo muito importante é que esse tipo de avaliação incita a responsabilidade sobre o próprio aprendizado, a consciência sobre seu desempenho e identificar onde precisa focar para superar suas dificuldades.

A autoavaliação - permite que os alunos reflitam sobre seu próprio desempenho e progresso, favorecendo a autonomia e a motivação para aprender. Na EJA, onde muitos estudantes enfrentam insegurança e baixa autoestima acadêmica, essa estratégia pode ser um estímulo importante. O plano nesse tipo de avaliação é promover discussões entre alunos e professores sobre a evolução de cada um no período, sobre as dificuldades superadas e aquelas que ainda precisam superar e registrar suas experiências.

Avaliação Inclusiva e Alternativa na EJA – do mesmo modo que os tipos de avaliações anteriores são importantes, esta também é essencial, pois nela se adota estratégias inclusivas, considerando as diferentes formas de aprender e avaliar de forma humanizada, o conhecimento dos alunos de maneira apropriada, considerando a singularidade de cada um. Há muitas formas de se fazer avaliação alternativa, com materiais concretos, observação direta, produção textual, mas o uso das tecnologias são as formas mais atraentes, (vídeos, podcasts, músicas, aplicativos, etc), reduzem a evasão escolar e promovem a motivação e a transformação na vida dos alunos, no seu contexto familiar e na sociedade.

Vasconcellos (1998, p.74) destaca que a finalidade de uma avaliação transformadora faz com que:

Seus resultados constituam parte de um diagnóstico e que, a partir dessa análise da realidade, sejam tomadas decisões sobre o que fazer para superar problemas constatados: perceber a necessidade do aluno e intervir na realidade para ajudar a superá-la.

A avaliação é o elemento incorporador entre a aprendizagem e o ensino, se não há aprendizagem esperada, certamente o ensino não cumpriu seu objetivo.

Canem (1999, p 101) refere-se especificamente sobre a função da avaliação na EJA:

A avaliação visará detectar em que medida os padrões culturais, as expectativas, as visões de mundo e os saberes dos quais os alunos são portadores estão sendo levados em consideração na construção do conhecimento. Em outras palavras: utilizando-se de diversos instrumentos, educadores de jovens e adultos irão detectar pontos positivos e dificuldades a enfrentar para que o diálogo entre saberes escolar e saberes do aluno se concretize.

A avaliação na EJA deve ser compreendida como um processo contínuo, reflexivo e ajustado às necessidades dos estudantes. O uso de diferentes tipos de avaliação – diagnóstica, formativa, somativa, auto avaliação e inclusiva torna possível um ensino mais útil, efetivo, significativo humanizado e contextualizado. Mais do que medir resultados, a avaliação na EJA deve ser um instrumento para valorizar a carreira dos alunos, estimular sua permanência na escola e contribuir para o desenvolvimento de suas habilidades e competências. Ainda falando

de valorização da Educação de Jovens e Adultos e a carreira dos alunos nela inseridos, o que se percebe é que no Brasil, a falta de investimentos, a descontinuidade das políticas públicas para EJA que buscavam alcançar metas de superação do analfabetismo em um curto período, e os interesses de cunho político trouxeram-nos ao século XXI, conseqüentemente, sem uma formação específica para os professores alfabetizadores de jovens e adultos, o aporte teórico necessário nesse campo de conhecimento. Somente em 2006 foi aprovada a Resolução nº 1 de 15/05/2006, que atribuiu aos cursos de licenciatura formar docentes para atuarem na modalidade.

Mas, ainda assim, a formação inicial de professores parece não ser suficiente para atuar com os desafios desse segmento. Vigano e Cabral (2017) alegam que embora tenha havido um aumento de estudos na área da formação docente para EJA nos últimos anos, ela é ainda uma categoria de ensino cativa, desvalorizada e sucateada que necessita de formação específica para que os professores possam desenvolver um trabalho pedagógico que atenda os aspectos a ela intrínsecos. Para que ocorresse o cumprimento das metas seria necessário um investimento maior na área educacional, como nas estruturas das escolas, na formação de professores e no atendimento ao número de estudantes, o que só seria possível com mais recursos financeiros disponíveis e também de um maior investimento na área social, como um todo, para a ampliação e melhoria do acesso e permanência na escola. Chauí (1999), cita que na luta democrática, a igualdade constitui-se no direito à igualdade de condições, o que perpassa pela gestão dos investimentos públicos.

1637

Para EJA, é inegável que existe a necessidade de estar sempre em luta para não ser colocada em segundo plano nas políticas públicas educacionais. Um exemplo recente é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que foi bastante criticada. Na primeira versão preliminar da Base, notou-se a ausência total da menção sobre a EJA, o que foi justificado pelo MEC ao argumentar que os conteúdos foram pensados para todos os estudantes em todos os níveis. Sabendo-se das particularidades dessa modalidade e da diversidade dos sujeitos da EJA, esperava-se pelo menos alguma reflexão a respeito dessas questões. Essa inexistência, reforça a posição de irrelevância e descrédito dado a EJA perante as políticas educacionais.

Dessa forma compreende-se claramente que a proposta curricular para a EJA nos seus vários aspectos, inclusive uma avaliação humanizada e contextualizada, demanda estudo, debate e flexibilidade, considerando a abrangência de sua diversidade social, étnica, cultural e econômica, de modo que garanta a valorização dos sujeitos, a articulação e o respeito aos

conhecimentos construídos. Negar essa discussão em um documento que diz ter como finalidade promover a igualdade na educação e ser referência para construção de currículos é ignorar mais uma vez esses sujeitos e desconsiderar o direito à educação.

De acordo com Morin (2011, p. 43) “a educação do futuro deverá ser o ensino primeiro universal, centrado na condição humana”. Dessa forma, a proposta é que a avaliação também seja adequada tornando se menos discriminadora, no que diz respeito a separar os alunos considerados “bons” dos “ruins”, dos que “sabem” dos que “não sabem”, dos que “aprendem”, dos que “não aprendem”.

Nessa proposta de educação o ser humano e seu processo de formação são o centro de qualquer prática avaliativa, uma proposta que privilegia o educando uma vez que respeita o processo de aprendizagem de cada aluno. Isso significa que a avaliação não tem como objetivo determinar notas, mas acompanhar o caminho que o aluno percorre para buscar e descobrir suas reais dificuldades e necessidades. A proposta contemplada pela avaliação reflexiva é possibilitar o exercício permanente de autocrítica e do repensar cada prática pedagógica e suas metodologias.

No entanto, na dimensão construtiva, a avaliação, aponta caminhos para construir novos mecanismos de aprendizagem. Paulo Freire diz que a educação é a base para a mudança da sociedade, e refletir criticamente sobre a própria prática contribui para que outros possam construir as maneiras de pensar sobre o seu fazer. Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda (Freire, 2010).

Furlan (2007), diz que a abordagem da avaliação formativa emerge como um potencial solução para lidar com os desafios únicos da EJA. Ao integrar avaliações contínuas e feedback construtivo, cria-se um ambiente mais propício à aprendizagem, focado no desenvolvimento constante do aluno. Com esse tipo de avaliação espera-se que a mesma inspire uma discussão contínua sobre como aprimorar essas práticas em prol de uma educação mais inclusiva, equitativa e centrada no aprendiz. Afinal, ao compreender a complexidade da avaliação na EJA e buscar soluções inovadoras, os docentes estarão contribuindo para o fortalecimento do processo educacional e, conseqüentemente, para a promoção do desenvolvimento individual e coletivo dos alunos envolvidos nessa significativa modalidade educacional.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação da EJA deve ir além da mera verificação do desempenho acadêmico, sendo um instrumento de inclusão e valorização das trajetórias individuais dos estudantes. A adoção de metodologias flexíveis e inovadoras pode contribuir para a permanência e o sucesso escolar desse público, promovendo uma educação mais humanizada, justa e significativa.

Este estudo reforça a necessidade de políticas públicas voltadas para a melhoria da avaliação na EJA, garantindo que todos os cidadãos tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de sua idade ou trajetória de vida, de forma humanizada e contextualizada com o que esses indivíduos tem vivido, para que a aprendizagem seja realmente significativa e transforme uma comunidade, uma sociedade, povos e gerações.

Neste trabalho, minha percepção ao final, foi que já temos um modelo de avaliação da aprendizagem na EJA, que contempla muitas de suas necessidades para se ter sucesso nesta categoria da educação, mas há ainda muitas lacunas para se desconstruir, para de fato progredir para a inserção dos estudantes numa educação de qualidade para todos.

Se faz necessário que educadores e o poder público reflitam e considerem o contexto social, político e econômico presente na construção das ações pedagógicas e das políticas públicas ao longo da história da EJA, para reformular e fortalecer essa modalidade educativa na atualidade. É imprescindível pensar em políticas públicas pautadas na perspectiva da inclusão social, da manutenção e conquistas de direitos, em que as propostas sejam construídas por meio de relações pensadas com responsabilidade e interesse em fazer o bem para a sociedade, respeitando as particularidades dessa modalidade, partindo da realidade, das demandas e dos conhecimentos trazidos pelos educandos da EJA.

A história da EJA demonstra que as questões pertinentes a essa modalidade transbordam os limites da escola e precisam ser compreendidas em seu sentido mais amplo, de forma a promover igualdade de oportunidades para esses sujeitos que muitas vezes são incompreendidos até mesmo na sala de aula e nas formas de avaliação da aprendizagem.

É importante destacar a relevância de uma abordagem prática e teórica integrada, tal como o papel decisivo da escola na formação de indivíduos e na promoção da inclusão social, com igualdade de oportunidades, o respeito à diversidade, e o combate ao isolamento e preconceito. Diante do exposto, e a partir destas reflexões feitas, percebi que é imprescindível termos compromisso com a educação e conseqüentemente com a avaliação da aprendizagem de

estudantes da EJA, de incluir formas de avaliar mais humanas e solidárias e que só podem ser possíveis se fundamentadas com ações integradas, inclusivas e acolhedoras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLESTER, Margarita et al. **Avaliação como apoio a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CABRAL, P.; VIGANO, S. M. M. Políticas públicas em educação para formação de professores na educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 201-220, jul. 2017. Doi: 10.22478/ufpb.2525-5584.2017v2n1.31751.

CANEN, Ana. **Desmistificando a avaliação**. In: Salto para o Futuro – Educação de jovens e adultos / Secretária da Educação, SEED, 1999.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães (org.). **Educação e direitos humanos, estudos e experiências**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CHAUÍ, M. **Universidade em liquidação**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 11 jul. 1999.

FURLAN, Maria Inês Carlin. **Avaliação da aprendizagem escolar: convergências e divergências**. São Paulo: Annablume, 2007. 1640

GADOTTI, Moacir. Realidade. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática**. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social – Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4ªed. Porto Alegre: Sulina, 201.

TRIGO, Maria Cândida Lacerda Muniz. **Avaliação Educacional**, 2007. “On line”, [WWW.TVEBRASIL.COM.BR/SALTO](http://WWW.TVEBRASIL.COM.BR/SALTO).